

## Leitura Crítica da peça teatral

***A Morte do Mané Bufão***, por Flávio Vieira de Melo<sup>1</sup>.

Na condição de manifestação: Prezadas, é com muito carinho que venho apresentar minha leitura crítica ao belo trabalho que realizam. Fiquei muito feliz por conhecê-las e por saber que existem grupos novos ingressando no teatro de rua. Fiquei feliz pelo potencial que vocês apresentaram. Parabéns! Abaixo, seguem aspectos do trabalho de vocês que considero merecer um pouco mais de atenção, mas isso se caracteriza em opinião. Então, descartem, ignorem e sigam como vocês entenderem que devem, pois o mais importante é que sigam a fazer, a investigar e a realizar seu trabalho, como sentirem que deva ser. Desejo que isso se alinhe às perspectivas da luta de classes, mas isso é coisa minha. Grande abraço fraterno.

A peça *A Morte do Mané Bufão*, montada pelo grupo paulistano ProCênicos, criado em 2021, foi apresentada às 16 h, em 19 de agosto de 2023, na Viela 1º de Maio, na comunidade de Heliópolis, capital paulista. A apresentação fez parte da 5ª Mostra de Teatro de Heliópolis. Foi um sábado de céu parcialmente nublado e um vento insistente. Mesmo com a proteção do aglomerado de casas sobrepostas, em mosaico arquitetônico e a encosta do morro, as rajadas de vento interferiram na apresentação, mas as intempéries naturais, não deveriam se caracterizar em novidade para quem trabalha com o teatro de rua, pelo contrário, são deflagradoras de “novos” procedimentos para essa modalidade teatral.

Tendo iniciado o trabalho com cortejo, o retorno da artistaiada ao lugar de encenação foi acompanhado por pessoas que se somaram à roda previamente formada por crianças, e outras moradoras da comunidade, além da equipe de produção da Mostra. O cenário bonito, grande e composto por elementos de madeira, ferro e tecidos, ambientou uma casa simples - mais pela dramaturgia do que pela cenografia, pode-se intuir que se trata de uma casa de um dos tantos Nordestes brasileiro -, à frente da qual toda a ação acontece. Tal proposta cenográfica, feita de tecido estendido em uma estrutura de metal (escolha arriscada), uma vez que tal estrutura se assemelha a velas de embarcações com finalidade de prender o vento e arrastar um barco, criou uma relação frontal. Apesar dos buracos no pano, onde havia “portas e janelas”, o vento desestabilizou o cenário e por consequência, a cena.

Ainda neste pano de fundo, a função mais recorrente cumprida por ele, era de rotunda, de saída de cena. Portanto, havia dois usos para este cenário, indicar que o lugar da ação cênica era uma casa simples e servir de coxia para a troca de cenas. Certamente, o tempo de rua vai apresentar ao grupo, outras possibilidades para solucionar questões como estas. Bem como

---

<sup>1</sup> Ator, diretor e professor de teatro, doutorando em Artes na Unesp/IA, Mestre em Educação pela UFSCAR/Sor., Especialista em Metodologia do Ensino de Artes, graduado em Teatro/Arte-Educação, Técnico Ator pelo Senac. É integrante fundador do Nativos Terra Rasgada (2003) onde atua, dirige e produz (atual). Foi professor no IA da Unesp/SP (2022), Uniso (2016 e 2017), Conservatório de Tatuí (2017-2022). É Coordenador de projetos Artísticos e Pedagógicos no Instituto de Gestão Social e Cidadania (2021-atual). Está atuando no monólogo *De Homem para Homem*, dirigido por Daniele Silva e Fernanda Brito.

repensar os elementos meramente decorativos dispostos pelo espaço cênico, uma vez que a rua é vasta de objetos capazes de cumprir tais funções.

A escolha da cenografia, a encenação fincada na dramaturgia, as marcações "rígidas" das atrizes e atores nas cenas, o tempo rítmico das cenas cômicas, o tempo de resposta para as piadas, as intervenções pré-estabelecidas com o público, evidenciaram que se trata de coletivo jovem, com pouca experiência na linguagem da rua, o que não diminui sua boa capacidade de realização, sua coragem em se colocar frente ao público liberto das convenções pressupostas pelas salas de teatro. O coletivo evidenciou seu caminhar de pesquisa e dedicação que aponta para a construção de um teatro popular e vivo.

Tanto a direção da peça, assinada por Talita Hunntter, quanto a atuação de Guto Nunes, Janayna Hernandez, Mário Panza e Silvania Belo, e produção de Bruna Nunes, demonstram grande capacidade técnica, e suas escolhas, indicam que rumam para um teatro que interessa às camadas marginalizadas da sociedade, uma gente trabalhadora que se reconhece em muitos aspectos com a peça apresentada, com o tema escolhido pelo grupo. No entanto, existem aspectos que merecem maior dedicação por parte do coletivo.

Tendo adotado uma dramaturgia já construída para a montagem, é preciso um mergulho não apenas no texto, mas também é importante imprimir o ponto de vista do grupo para o trabalho. A dramaturgia finca-se na criatividade e habilidades de Mané Bufão, que dribla a Morte e seu equivalente em vida, a lógica capitalista de trabalho. Mané, um anti-herói, desprovido de coragem para trabalhar, contrário do que é imposto pelo capitalismo imperialista -, gasta seu tempo em arranjar solução para viver sua vida como quer, e para enganar a morte. Tendo essa função cênica como mote de sua existência, Mané torna-se inútil ao capitalismo, torna-se um pecador, segundo a ideologia liberal - preguiçoso -, e por isso, deve morrer, ir para o inferno. Como é dito pela personagem da Morte, "Preguiçoso não vai para o Céu".

No entanto, a encenação do grupo ProCênicos, por vezes flerta com a reprodução do preconceito estrutural burguês voltado contra a classe trabalhadora, ou seja, criminalizando quem não opera na lógica do capital. Nesse sentido, ocorre uma inversão de valores, pois o Mané, em seu conjunto de operações cômicas, passa a depender de sua "inutilidade", quando deveria estar galgado na sua capacidade de enganar o capitalismo e a Morte, ou seja, na sua astúcia. Tal determinação (nebulosidade) da encenação, acaba por comprometer também a funcionalidade dos elementos cômicos nela presentes, porque diminui a expansividade da personagem central da trama.

Ao passo que a comicidade do teatro popular se estrutura não apenas no texto, mas no **como fazer**, e em muitos outros elementos decorrentes da atuação e encenação, a capacidade improvisacional e o conhecimento profundo do trabalho que se está apresentando, tornam-se vitais. Este aprofundamento de toda a equipe com o trabalho e com a visão do grupo sobre ele, pode impedir ou diminuir, a possibilidade de reprodução de piadas opressoras, xenofóbicas, machistas, racistas, gordofóbicas etc.

Outro aspecto importante, é o fato dessa dramaturgia ser escrita originalmente para o teatro de mamulengos, onde não há conexão alguma com o naturalismo, e o tempo cômico, a expansão do gesto, compõem uma forma teatral que revela tanto a sagacidade do Mané, quanto sua vontade de viver desconectado da ordem imposta. Talvez seja razoável dizer, à luz de algumas das teses de Terry Eagleton (Humor), que este procedimento deflagra certa incongruência, e isso, é a chave para abrir a porta que falta ao grupo para extrair todo o potencial dessa peça.

De maneira geral, é possível dizer que se trata mesmo de interessante proposta cênica, mas que ainda precisa ser adequada. Há alguns pressupostos do teatro de rua para poder se tornar uma peça ainda mais divertida, ácida e popular. E isso, me parece estar sendo encaminhado, pois como um educador popular que sou, entendo que o caminho para alcançar o que foi apontado, é este que o grupo persegue, realizar mais e mais apresentações, se colocar em processo de escuta ativa e se apropriar de todos os conhecimentos disponíveis.

Vida longa ao ProCênicos.

Sorocaba, 23 de agosto de 2023.

Atenciosamente, Flávio Melo

(15) 996324020

[flavio.melo@unesp.br](mailto:flavio.melo@unesp.br)